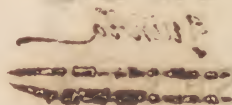
SERMAM
DA ~~DOMINGA SEXTA~~ Quinta 7
DA QVARESMA,
AS MAGESTADES REAES em a ſua Real Capella.

Pello P.M.Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA, Calificador do S. Officio, Lente de Prima de Theologia no Collegio de S. Agoſtinho deſta Cidade de Liſboa, & Biſpo de Targa.

EM LISBOA.
Na Officina de IOAM DA COSTA.
A cuſta de Domingos Carneiro mercador de Liuros.
M. DC. LXXI.
Com todas as licenças neceſſarias.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi.
Ioann 8.

NAda sabe temer a Innocencia (muito altos, & muito poderosos Reys, & Senhores nossos) Nada sabe temer a Innocencia: de tudo se recea o delito. He taõ animoso hum justo, ainda entre os maiores perigos, como he cobarde hum culpado entre as seguranças maiores. Que descançado dormia S Pedro em o carcere prezo com cadeas, rodeado de soldados, & condenado a morrer. *Et erat dormiens inter duos milites vinctus catenis duabus.* E que inquieto descançaua Nabuco em seu palacio asistido de guardas, & lisongeado de grandes em o auge de reinar: *Cogitationes meæ in statu meo, & visiones capitis mei conturbauerunt me.* Parece na verdade, que se trocaraõ as sortes, que véla temeroso, o que auia de dormir descançado, & que dorme descançado o que auia de velar temeroso. Porque quem podia temer menos que hum Rey assistido de guardas, que lhe defendiaõ a vida, & quem podia temer mais que hum homem rodeado de soldados que lhe asseguravaõ a morte? Mas eu jà vejo a razão Naõ temia Pedro entre os riscos, porque era innocente; temia Nabucho entre as seguranças, porque era culpado: he taõ cobarde o delito, como animosa a Innocencia, por isso naõ descança Nabucho inquieto entre os regalos do Paço, por isso dorme Pedro seguro entre os horrores do carcere: *Et erat dormiens inter duos milites vinctus catenis duabus.*

n. 1.

Actor c. 12.

Dan. c. 4.

E supposta esta verdade taõ certa, supposto que he o temor consequencia do delito, & a confiança [illegible] Innocencia: se o odio naõ t[illegible]

n. 2.

enueja os nã trouxera tão cegos, bem viraõ elles nesta acçaõ que Christo hoje faz, como era sua vida justificada, & sua doutrina verdadeira. Tratauaõ os Principes de Ierusalem, & os grandes de Iudea de dar a Christo a morte porq lhe prégaua desenganos, & porque lhe dizia as verdades: Se as dizia na Corte, claro està, que este fim auia de ter a sua prègaçaõ, & esta correspondencia seu zelo: Soube Christo estes intentos dos Iudeos, & quando parece que lhe auia de fugir, esteue taõ longe de o fazer, que antes os foi buscar para se justificar a si, & para os reprehender a elles. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Eis ahi a justificaçaõ de Christo: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi*; Eis ahi a reprehençaõ dos Iudeos; justificouse o Senhor, primeiro que os reprehendesse; O que grande exemplo deixou Christo ao mundo nesta acçaõ! Mas naõ sei se foi esta doutrina bem recebida, porque a naõ vejo muy praticada, antes muito ao contrario; Iustificouse a Innocencia para arguir a maldade, & no mundo sem se justificar a maldade quer arguir a Innocencia; O que injusta cōdiçaõ dos homens! Que escandalosa sem rasaõ da natureza!

3. Naõ ha duuida logo, que suposto os intentos dos Iudeos, que era para temida a occasiaõ, & para receado o perigo; mas se naõ sabe ter temor hum innocente, como auia de temer aquelle Senhor que era a mesma santidade, que era a mesma Innocencia? Bem digo eu logo que se o odio naõ tiuera taõ cegos aos Iudeos que nesta acçaõ de Christo os ir buscar a elles para os reprehender, quando elles buscauaõ a Christo para o matar viraõ sua innocencia claramente, porque argumento era mui efficaz, proua era mui verdadeira, de que naõ lhe deuia nada quem os temia taõ pouco, & que estaua mui innocente quem naõ sabia temer amiaçado. Mas como a inueja cega os olhos da razaõ, como o odio arrasta as euidencias do discurso, que muito que naõ bastasse esta acçaõ para cōuerter, & confundir aos Iudeos, se elles enuejauaõ, & aborreciaõ [illegible] Euangelho [illegible] dia chamase o da Pai[illegible] [illegible] bem porque h[illegible]

prido,& aſſi que ſe eu quizera explicar todas as ſuas circunſtancias: não me ficarà lugar para os diſcurſos; entremos logo com elles, que ainda que a mim me faltou o tempo, não me faltarà a materia, na juſtificação de Chriſto para com os Iudeos, & na incredulidade dos Iudeos para cõ Chriſto.

Quis ex vobis arguet me de peccato?

n. 4.

TOdos os expoſitores deſte Euangelho ſe admiraõ muito de que Chriſto ſendo Deos ſe juſtifique hoje com os homens ſendo a meſma Innocencia, ſe exponha ao exame da maior maldade: Iſto he o de que hoje ſe admirão todos, mas ſe eu hei de dizer o que ſinto; a mi naõ me admira neſta juſtificação mais que ſomente huma circunſtancia. Que Chriſto ſe juſtifique hoje com os cortezãos de Ieruſalẽ, muito embora, que razão de eſtado he mui antiga em Deos o tratar de parecer bem aos olhos dos homens, quando os homens tem por raſaõ de eſtado o não pareçer bẽ aos olhos de Deos. Mas que juſtifique Chriſto de maneira que ſe juſtifica; iſſo ſó he o que me eſpanta Pergunta Chriſto aos Iudeos ſe auerà algum delles que o poſſa accuſar de culpa, que o poſſa arguir de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Grande materia para eſpanto! ſingular motiuo para admiração! Difficulto deſta maneira; Eſtes meſmos homens a quẽ Chriſto faz eſta pergunta, não o tem (ainda que falſamente) arguido de tantos peccados? Não tem dito do Senhor, que ſe faz Rei ſem o ſer, que perturba toda Iudea introduſindo nouas doutrinas, que lança demonios fòra em virtude do demonio, que não obſerua os ſabbados, que quebranta as leis, que altera os coſtumes, & que quer valer com hypocreſia? Aſſi o tem dito não ſó por huma vez, ſenão por muitas.

n. 5.

Iſto tudo, ainda que não ſejão culpas verdadeiras (que em Chriſto era impoſſiuel) não ſão culpas arguidas? Quem o poderà negar? pois ſe iſto aſſi he como pergunta Chriſto â-
lles meſmos que ...

algum delles que o argua de peccado? O que singular fineza do amor de Christo! Assi se ha Christo, ou assi o faz auer seu amor no conhecimento de nossas culpas, como se não tiuera dellas nenhum conhecimento. Bem sabia Christo, que auia em Ierusalem queixosos, que condenauam sua vida, calumniauam suas obras, & que o arguião de culpas, mas como quer que o arguirem os homens de culpas a Christo era huma culpa dos homens, hase de tal sorte o Senhor, que como se nem ainda sospeitara os peccados de que o arguiaõ, pergunta hoje se ha algum que o argua de peccado. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Esta he a propriedade do amor em cõtraposição da propriedade do odio, que assi como o odio na acçaõ que póde desacreditarnos faz da sospeita sciencia, assi o amor na accão que póde desluzirnos da sciencia, naõ acerta a fazer sospeita.

n. 6. Quando a Christo o vieraõ a prender seus inimigos, diz o Euangelista S. Ioaõ, que sabẽdo o Senhor mui bem tudo o que lhe auia de suceder, lhe saira ao encontro, & lhe perguntara a quẽ buscauaõ: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum processit, & dixit? Quem quæritis?* Parece na verdade, que se implica no módo de fallar o Euangelista: porque se Christo sabia mui bem que os Iudeos o buscauaõ: *Sciens omnia quæ ventura erãt super eum.* Como diz S. Ioaõ que o perguntou? *Quem quæritis?* E se o perguntou como o sabia? como se póde concordar esta pergunta com aquella sciencia, se a sciencia se destroe pella pergunta? quem pergunta dà indicio de naõ saber, que quẽ sabe naõ tem necessidade de perguntar: Pois se Christo tem taõ inteira sciencia dos intentos dos Iudeos, paraque lhe pergunta a quem buscão, & se lhe pergunta a quẽ buscaõ, como tem sciencia de seus intentos: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum* He entre expositores singular a difficuldade, mas suposto o que temos dito, pareceme a mim que desta vez auemos de dar a razaõ: Verdade he, que sabia mui bem Christo: que os Iudeos o buscauaõ para o prender, mas

Ioan. c. 18

[illegible] era hũa culpa

Iudeos,assi se ha o Senhor no conhecimento desta culpa,que tendo della hũa grande sciencia: *Sciens*;parece que naõ acertaua (digamolo assi)naõ acertaua,seu amor a fazer desta sciẽcia grande,nem ainda hũa presunsaõ muito leue,naõ acertaua a presumir aquella mesma culpa, que naõ podia ignorar; por isso sabemos mui bem o que pergũtaua,assi o perguntou como se o naõ soubera:*Sciens:processit,& dixit: Quem quaeritis?* Homens a quem buscais? Quanto aos olhos humanos muito parece que se implica esta pergunta de Christo,com a sua sabedoria;mas com seu amor junto a sabedoria naõ se implica,porque assi como o odio dos Iudeos nas culpas que falsamente impunhaõ a Christo, da sospeita fazia sciencia , assi o amor de Christo nesta culpa dos Iudeos, quiz mostrar, que da sciencia naõ acertaua a fazer sospeita; por isso os Iudeos o prendem; por isso Christo pergunta: *Quem quaeritis?* O cegueira do amor! O perspicacia do odio! Em a esfera do odio (quando he de culpa o conhecimẽto) ordinariamẽte naõ ha aquillo que se vé,& na esfera do amor naõ se ve aquillo que ha. Bem se vio entaõ,& bẽ se vé hoje no odio dos Iudeos, & no amor de Christo;que esta propriedade só se podia achar em tal amor,& em tal odio: Christo sabendo hoje a culpa que os Iudeos cometiaõ em o arguir de culpa, assi se ha como se nẽ ainda o sospeitara: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* E os Iudeos sospeitando só, & falsamente culpas em Christo, assi procedem como se as souberaõ: *Nunc cognouimus quia Samaritanus es tu,&c.* Mas que muito que assi seja,se Christo amaua, & elles aborreciaõ: Bem podera eu seguir largamente esta materia,que muito podia dar de si para a doutrina,mas vamos a outra razaõ mais propria deste lugar. Queixãose os Iudeos que Christo naõ obserua as leis,que altera os costumes,que naõ guarda os sabbados,& naõ faz Christo caso de nenhuma destas queixas,para ensinar aos principes do mũdo com este exemplo,que nẽ de todas as queixas haõ de fazer caso. Christo a fazer milagres,Christo a resuscitar mortos,Christo a curar enfermos,Christo a desuelarse pello remedio de Iudea,&

Iudea

Iudea a queixarse de Christo,& auia o Senhor fazer caso de taes queixas, auiaõlhe de dar cuidado taes culpas? Isso naõ o quiz fazer o Principe da gloria, para que despois o fizessem tambem assi os Principes do mundo; se aos Principes, se aos Monarchas lhe ouuerão de dar cuidado todas as queixas, fora o ceptro hũ martirio, fora a coroa hũa morte, por isso para Christo os liurar deste grande tormento, que os esperaua, naõ faz hoje nenhũ caso das culpas de que o arguiaõ, antes como se de nenhũ peccado o tiuerão arguido : pergunta se ha alguẽ que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguit me de peccato?*

n. 8. Hora a mim não me empatou tanto o naõ satisfazer Christo às queixas dos grandes de Ierusalem, como o fazerem os grãdes de Ierusalem queixas de Christo. Vinde cà gente ingrata, condições peruersas, animos obstinados, Christo naõ se desuella Christo naõ vos ensina, Christo não vos remedea? digaõnos os prodigios que obra, os enfermos que sara, os mortos que resucita; Pois se isto assi he, de que vos queixais? Dice alguẽ que se queixauão estes homens porque erão Fariseos; mas eu digo, que se queixauão estes Fariseos, porque erão homẽs: He a queixa hũ mal da nossa vontade, he hũ achaque da nossa natureza, cujo remedio he taõ dificultoso, ou para dizer melhor, tão impossiuel, que só então deixaremos de nos queixar quando deixarmos de ser homens, & queixosos, que homens, & descontentes vẽ a ser tanto a mesma cousa, que o dizer, que he homẽ, quem naõ anda descontente, o dizer que he homẽ quẽ naõ he queixoso parece hũa implicãcia, ainda na penna de hũ Euangelista Reparei eu muito quando li o Euangelho de Domingo passado, em que disse o Euangelista S. Ioaõ, que embarcandose Christo, o seguira hũa grande multidaõ, sẽ que explicasse de que era esta multidaõ, que o seguira. Dizem assi as palauras: *Abijt Iesus trans mare Galilee, & sequebatur eum multitudo magna* Passousse o Senhor alem do mar de Galilea, & logo o começou a seguir hũa multidão muito grande, *& sequebatur eum multitudo magna.* Notauel modo de dizer por certo! Pergunto. Esta grande multidaõ, que lhe guia

guia a Christo,não era de homens? si era; pois porque o não
diz assi o Euangelista: Contalhe a acção, & dissimulhalhe o
nome *multitudo magna*. Que misterio terà este silencio?

O que tem este silencio hum grãde misterio. Hora notem: auia de dizer S.Ioão despois, que esta multidão recebendo não ficarà queixosa, antes contente: *vt autem impleti sunt*; por isso naõ quis dizer de antes que era multidão de homens, porque, auer homens que se não queixem, auer homens que se satisfação, assi como he hũ impossiuel para a execução, assi parece hũa implicação para o credito. Que haja homens, que por mais que recebão ficaõ queixosos, isso facilmente se achará no mundo, antes nenhuma cousa se achará senão isso: mas que haja homens que recebendo ficarão contentes, esse prodigio achase, & crece muito difficultosamente; ainda quẽ seja hum Euangelista o que o escreua, ainda que seja hum S. Ioão o que o persuada: Milagre he este de contentar homẽs que Deos costuma fazer poucas vezes; antes não lemos fizesse mais que nesta occasião este milagre. Por isso não diz S. Ioão esta multidão de que era, porque auia de dizer, que lhe contentara. n. 9

Se não redusamos breuemente a exemplos esta verdade. Digãome a quem fez Deos maiores fauores, que aos filhos de Israel sem poder nunca euitar queixas, sem poder contẽtalos nunca. Aparece o Senhor no monte Horeb abrasado em huma sarça, quando elles padecião no Egypto; despede dahi embaixadores a Faraó, obra por elles milagres tão espãtosos que atemorisarão ao Rey, & assombrarão o mundo, multiplicãdo castigos, conuertendo o Nilo em sangue, tirãdo a vida aos primogenitos, & finalmente fazendo outros muitos marauilhosos prodigios, té que libertou aquelle pouo ingrato cõ o poder de sua mão omnipotente: despois de liure encaminhao para a terra da promissão, diuidelhe as agoas do mar vermelho, a huma, & outra parte, para poderem passar a pé enxuto: assistelhe com huma nuuem fresca no verão, para resistirem aos ardores do Sol, çom huma coluna de fogo no n. 10.

inuerno,para se repararem do rigor do frio, chouelhe Manà do Ceo,todos os dias,não só para o sustento, senão tambem para o regalo,& finalmente fazlhe taes fauores,que se eu me quizera por a referilos,gastàra nisso todo o tempo : suposto isto: pergunto agora assi ; Podia Deos fazer por estes homẽs mais finezas,que as que fez,podião mostrarse mais fauorecidos de Deos,doque se virão? parece que naõ : pois com isto ser assi,com Deos se mostrar tão cuidadoso, com elles se verem tão fauorecidos,naõ deixarão de vir queixosos: *Bene nobis erat in Ægypto*;mas vinhão queixosos porque erão homens: po'e Deos remedialos,mas contentalos, isso só naõ póde. Em quanto Deos nos não mudar a natureza,não nos tirará o queixume. Falou alta & acertadamente hum grande Iuizo, quando dice,que produsia a terra espinhos, porque era terra, a guerra oppressoens , porque era castigo, & a necessidade queixas,porque eraõ homens os queixosos ; digo que falou acertadamente,porque por mais igualdade que haja,por mais justiça que se execute,sempre nos auemos de queixar, porq̃ nos não queixemos por rasaõ queixamonos por natureza,& quando he natural o achaque,tem muito difficultoso remedio. Mas com a queixa ser em nos hum mal tão grande, não sei eu se quereremos nos liurarnos deste taõ grande mal: Para o imaginar assi, tenho rasaõ,& tenho proua

Num.c.11.

n. 11

A rasão he,porque se paga cada hum de nós, tanto mais da sua queixa,que do seu remedio,que deixara de aceitar o remedio só por fazer hũa queixa. Vamos à proua . Entrou Christo naquella piscina,cujas agoas mouidas por hum Anjo dauão saude;& achou ali hum paralitico,que por naõ ter hũ homem,como elle mesmo confessou,auia muitos annos que padecia. O quanto disto se acha no mundo ! ainda que seja hum anjo o que reparta,se vós naõ tiueres homem,não aueis de entrar na piscina; mas isto naõ he do caso, tornemos a elle. Vio Christo o enfermo,seguiose logo à vista a compaixão & á compaxaõ o remedio, poré foi com huma circunstancia porque lhe pergũtou primeiro o Senhor se queria ter saude:

Ioann.c.5.

Vis ſanus fieri? E que lhe reſpõderia o paralitico? deulhe hũa nõtauel repoſta? Senhor eu ſou tão deſgraciado (lhe reſpõdeo a Chriſto o enfermo) Eu ſou taõ deſgraciado, q̃ não tenho homẽ; *Domine hominem non habeo*. Homẽ iſſo reſpondes? a que vẽ eſta repoſta, àquella pergunta? Chriſto perguntate ſe queres que te cure, & tu ſem lhe aceitar o offerecimento, começaſlhe a fazer queixas? deixa agora as tuas queixas, & pedelhe a Chriſto o remedio. Iſſo fizera o paralitico ſe não fora homẽ, mas como era homem eſte paralitico, pagauaſe tanto mais de ſua queixa, que do ſeu remedio, que deixaua de pedir a Chriſto o remedio ſó por lhe fazer huma queixa: *Hominem non habeo*. Chriſto o offerecerlhe a ſaude, & elle a queixarſe a Chriſto, mas ſe era homem, que auia de fazer ſe naõ queixarſe, ſe não fizera eſta acção deſmentira a natureza. E que nos queixemos nós, não por aquillo que padecemos, ſenão por aquillo que ſomos! O miſeria tanto para ſentida! O laſtima tanto para chorada! Sabem quanto he iſto aſſi, quanto nos pagamos de ſer queixoſos, que ſe pode duuidar ſe aceitaremos o remedio para a queixa, quando a queixa pode ceſſar com o remedio. Tornemos breuemente ao paralitico, & por aqui acabarei com eſta materia Reſolueoſe Chriſto a curalo, & fazerlhe primeiro eſta pergunta: *Vis ſanus fieri?* Homem queres que te cure? Eſtranha pergunta por certo! & ainda em Chriſto, que naõ fazia nada acaſo, mas eſtranha. Senhor a hũ homem que ha trinta, & oito annos, que eſtà enfermo perguntais ſe quer ſer curado? diſſo podeſe duuidar: Si podeſe duuidar muito diſſo, porque como aquelle paralitico com a ſaude ſe podia tirar a juſta occaſiaõ para a queixa, entendeo Chriſto, que ſó por moſtrarſe queixoſo, naõ queria eſtar ſaõ, ſó por fazer huma queixa naõ aceitaria a meſinha, por iſſo lhe pergunta ſe quer ſaude antes q̃ aplique o remedio. *Vis ſanus fieri?*

n. 12.

O doença inſofriuel da noſſa vontade! O mal grande da noſſa natureza! mal grande por todos os titulos, porque he mal com que eſtamos bem, he mal que naõ tem raſão, & he mal que naõ tem cura. Digo que não tem cura eſte mal, porq̃

nós

nós só entaõ estaremos contentes, quando se nos [illegible], não conforme ao nosso merecimento, nem conforme [illegible] a necessidade, senão conforme a nossa cobiça, & para fartar a sede a huma cobiça humana, parece que naõ basta, nem ainda a grandesa de huma Omnipotencia diuina: por isso eu digo, que so entaõ deiaxremos de ser queixosos quando deixarmos de ser. Mandaua Deos no Exodo, que os filhos de Israel não colhessem do manà mais que aquillo que bastasse para o sustento daquelle dia: *Colligat quæ sufficiunt per singulos dies.* Pois se o maná choue por milagre, paraque lhe poem Deos esta tax? porque lhe naõ diz que receba cada hum conforme o seu dezejo, senaõ conforme a sua necessidade? O que dà naõ he hum Deos omnipotente? Pois para que saõ necessarias na repartição estas cautelas? Podiase dar caso, que o manà faltasse por mais que os Israelitas colhessem? Si si, parece que se podia dar caso, porque ainda que era hum Deos omnipotente o que daua, eraõ os homens os que recebiaõ, & como quer que os que reçebiaõ eraõ homens, parece (digamolo assi) parece que receou Deos que lhe faltaria o manà se esses homens o colhessem conforme a sua cobiça, & naõ conforme a sua necessidade, & naõ lhe acode à cobiça: *quæ sufficiunt per singulos dies.* Porque para fartar a cobiça de hũ homem, pareçe que não podera bastar nem ainda a omnipotencia de hum Deos. Daqui; daqui nacem as nossas queixas: da qui vem o não auer Rei por mais que seja justificado, que não tenha vasallos queixosos; Não queremos remediar a necessidade, queremos remediar a cobiça, entaõ como a cobiça humana tem o remedio impossiuel, queixamonos sem razão culpamos sem fundamento; senaõ vejamolo em Christo, q̃ por mais igualdades que guardou, por mais beneficios que fez, não pode euitar queixas, não pode fugir a censuras, mas como eraõ censuras sem razaõ, como erão queixas sem fundamento, naõ fez dellas nenhum caso, & assi como se estes homens o naõ tiueraõ arguido de culpa, lhe pergũta hoje se auerà algum delles, que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Exod. c. 16

51

n. 13.

Depois que Christo fez aos Iudeos esta pergunta, comeſçou logo a perſuadirlhes ſua doutrina. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos digo as verdades (proſegue o Senhor) porque naõ credes em mim. Em grande materia entramos: duas couſas intentou Christo neſta occaſiaõ, juſtificar a ſua innocencia, & prouar ſua diuindade. Eu naõ poſſo reparar agora em tudo que não quizera parecer comprido, na proua da diuindade ſómẽte reparo, & digo deſta maneira. Quer Christo prouar ſua diuindade aos grandes de Iudea; & toma por meio o dizerlhe verdades? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Isto que argumento he? Não reſuſcitou o Senhor ontem a Lazaro morto de quatro dias? Si por certo. Pois ſe lhe quer moſtrar ſua diuindade a eſtes homens, porque lhe naõ diz que o conheçaõ por Deos porque reſuſcita mortos, ſenaõ que o tenhaõ por Deos, porque lhe diz verdades? Sabem porque? porque Christo neſta occaſião tratou de prouar ſua diuindade com o maior prodigio, & o prodigio maior de Christo, parece que naõ eſtaua tanto em reſuſcitar os mortos, que reſuſcitou, como em dizer as verdades a quẽ as dizia; fallaua Christo cõ Principes, fallaua com grandes (que prègaua o Senhor na Corte) pois para prouar que Deos não diga que tem tal poder, que reſtitue vidas, ſenão que tẽ tal valor, que diz verdades, porque a Reis, a grandes, a poderoſos he maior prodigio dizer huma verdade, que reſtituir huma vida. Grande lugar ſe me naõ engano. Manda Christo a ſeus Diſcipulos a prègar por eſſe mundo, & fallalhe deſta maneira: *Infirmos curate, mortuos ſuſcitate:* A eſtas palauras acrecenta logo outras que ſão compridas mas notaueis. *Ad præſides* (acrecenta o Senhor) *& ad Reges ducemini propter me, cum autem tradent vos nolite cogitare quomodo, aut quia loquimini, dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini, non enim vos eſtis qui loquimini, ſed Spiritus Patris veſtri.* Hũas, & outras palauras vem a fazer eſte ſentido: Diſcipulos meus ide por eſſe mundo curar enfermos, reſuſcitai mortos, porem aduerti que quando vos vires diante de Reis quando pregares diã-

Mat. c. 10.

 te de

te de Principes não cuideis no que lhe aueis de dizer, por quanto nesta occasião Deos he o que ha de fallar. *Non enim vos estis qui loquimini,&c.*

n. 14. Pois valhame Deos! fia Christo de seus Discipulos a resurreição dos mortos, a saude dos enfermos, & o fallar diante dos Reis não o fia de seus Discipulos? Pergunto: qual he mais dar vida aos mortos, ou fallar aos Reis? A esta pergunta respondo com distinção: mais he resuscitar mortos, que fallar a Reis: mas dizer aos Reis as verdades, que neste sentido fallaua Christo, he mais que dar vida a mortos; dizer a hum Rei hũa verdade he maior prodigio que dar a hum morto huma vida. Por isso para o dar assi a entender ao mundo, fiando Christo de seus Discipulos o milagre da resurreição: *Mortuos suscitate:* Mostrou que naõ fiaua delles este milagre: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini.* Auião os Discipulos de Christo, (que a isso os mandaua o Senhor) de persuadir aos Reis do mundo seus erros, tiralos de sua idolatria; emmendalos da torpesa de suas culpas; mostrarlhe a cegueira de seu engano, prègarlhe seu Euãgelho; reduzilos a sua igreja, & finalmẽte auiãolhe de dizer as verdades; pois este prodigio naõ o fie Christo de homens, porque homens não pódem fazer tal prodigio: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini.* Resuscitai muito embora mortos, que esse milagre bem o poderá fazer quem he homem, mas eu direi aos Reis as verdades: *non enim vos estis qui loquimini*; porque essa marauilha sô quem he Deos a pôderà fazer. Assi se ouue Christo com seus Discipulos quando os mandou a prègar pello mundo, & assi se tinha já tambem auido Deos com Moyses quando o mandou à Corte de Faraò: *Perge igitur* (lhe diz o Senhor dentre os incendios da sarça) *perge igitur ego ero in ore tuo*; O lá Moyses ide muito embora ao Egypto, & bem podeis hir com toda a confiança, porque quando fallares ao Rei, meu ha de ser o arresoado; *Ego ero in ore tuo:* Eu sou o que hei de dizer, eu sou ó que hei de fallar, de sorte, que no Egypto Moyses ha de executar as as marauilhas, & Deos ha de dizer as verdades. Si

Exod. c. 4.

Si,que como se auião de dizer a Faraõ, que era Rei, isto de dizer verdades a Reis he milagre, que quem for homem (como era Moyses) naõ poderà fazer, só quem for Deos o pode executar, por isso Deos he somente o que falla, quando he Moyses o que obra: *Ego ero in ore tuo.*

O que bem apertou Christo hoje este argumento: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos fallo verdades, porque não credes que sou Deos. Pois Senhor, só por isso haõ de crer estes homens que sois Deos, porque fallais as verdades? Si, que sendo elles Principes, sendo elles grandes como saõ, só quem for Deos lhe pode dizer as verdades, que lhe digo: quer Christo prouarlhe sua diuindade, & argumentalhe com o mayor prodigio, & o maior prodigio de Christo não estaua em restituir vida a mortos, senão em dizer verdades a Principes Eu naõ digo, nẽ me vẽ à imaginação dizer tal; que naõ se dizem muitas verdades aos Principes, só digo, que fazendo Deos a verdade para o objecto do entendimento, & naõ da vontade, aos Reis, que se lhe dizem as verdades á vontade, & não se lhe dizem ao entendimento: Expliquemonos melhor, naõ se lhe dizem as verdades inteiras dizemselhe as verdades partidas, por isso os Reis se perdem, por isso as Monarchias se acabaõ; verdades que lisongeão dessas tem os Principes muitos Euangelistas, porem de verdades que custão, he impossiuel que hum só Euangelista se ache: Mas que digo eu verdades: Em materias que póde offender o gosto do Principe, não só não ha quem lhe diga verdades, mas nem ainda ha quem lhe acerte a dizer as mentiras, quando ao Principe lhe era conueniente saber das mẽtiras, & das verdades, das verdades para a emmenda, & das mẽtiras para a cautella: Não ha Principe no mundo por mais inteiro que seja, que o não arguão de faltas, porque he homem, & porque gouerna a homens, porem nem todas as faltas do Principe saõ verdadeiras, nem todas saõ mentirosas, se todas forão mentirosas, fora o Principe hum Deos, & se todas forão verdadeiras, não forão homens os vassallos: fora o Principe

hũ

hum Deos, ſe todas as ſuas culpas forão mentiroſas, porque ſó Deos he impeccauel por natureza & naõ foraõ os vaſſallos homens ſe todas forão verdadeiras, porque os homens dizem mal por inclinaçaõ: Diceo Seneca diſcretamente. *Male loquuntur de te homines, bene enim loqui neſciunt: non faciunt quod mereris, ſed quod ſolent*. Dizem os homens de vos mal, porque naõ ſabem dizer bem, não fazem o que vòs lhe mereceis, ſenaõ o que elles coſtumaõ.

Senec. Epiſt. 4. ad Luc.

n. 16. E aſſi como os vaſſallos ſaõ homens, & os Principes naõ ſão Deoſes, he força que haja faltas, & que nellas haja mentiras, & haja verdades, porem tambem he força, que o Principe não ſaiba nem das mentiras: podem ellas, ainda que ſejaõ mentiras offenderlhe o goſto? Pois haſelhe de ter hũ grāde ſegredo. Là perguntou Chriſto hum hora a ſeus Diſcipulos, pello que diziaõ os homens de ſeus procedimentos *Quem dicunt homines eſſe filium hominis?* E como eraõ varios os pareceres, foraõ tambem differentes as reſpoſtas: porque huns reſponderaõ, que ſe dizia que Chriſto era o Precurſor, outros que ſe affimaua ſer Elias, & finalmante tinhaõ outros por opiniaõ, que o Senhor era hum dos Profetas: *Alij Ioannem Baptiſtam, alij autem Eliam, alij Hyeremiam, aut vnum ex Prophetis*. Deixando a reſpoſta de S. Pedro, que agora me naõ ſerue, reparei muito, em que dizendoſe mais de Chriſto, & ſabendo muito bem ſeus Diſcipulos o mais que ſe dizia do Senhor naõ lho quizeraõ dizer: digo que ſe dizia mais de Chriſto porque tambem ſe dizia (ainda que falſamente) que o Senhor naõ guardaua aos ſabbados, q̃ quebraua as leis, q̃ era feiticeiro, & que era endemoninhado. Pois ſe Chriſto pergunta a ſeus Diſcipulos, que opinaõ tem os homens de ſua vida? Porque naõ dizem elles a ſeu Meſtre tudo o que de ſua vida diziaõ os homens? porque lhe naõ dizem tambẽ que lhe chamam feiticeiro, que lhe chamaõ endemoninhado, que o arguem de quebrar as leis, & de naõ guardar os ſabbados? Iſto tudo naõ eraõ mentiras? pois porq̃ as naõ dizem ao Senhor? Querem ouuir porquẽ? porque ainda que eſtas culpas de que

Mat. c. 16.

quē arguiaõ a Christo eraõ mentiras, entenderaõ os Discipulos, que lhe poderiaõ offender o gosto, por isso lhe tiueraõ taõ grande segredo. Que Christo he hũ Percursor, que Christo he hum Elias, que he finalmente hum Profeta, isto como o não podia offender logo lho dizem, porem que Christo he feiticeiro, que he Samaritano, que he endemoninhado, estas mentiras como o podiaõ molestar, naõ lhas quizeraõ dizer. O como estaõ cheas as cortes do mundo destes Euangelistas! Verdades ou mentiras, que pódem lisongear ao Principe todos as dizem, mas mentiras, ou verdades, que o pòdem offéder, todos as calam. Fazendo Deos a verdade para se dizer ao entendimento, deo o interesse humano em a dizer á vontade por isso auendo tátos, que arguaõ de faltas aos Principes, naõ ha hum que lhe queira aduertir huma falta. Mas que bem estaua Saul, nesta humana ou deshumana politica, quando fez a Deos esta petiçaõ; *Si in me est iniquitas hæc, da ostensionem, si in populo tuo da sanctitatem.* Senhor, diz o Rey fallando cõ Deos, se o vosso pouo està culpado santificaio, & se eu vos tenho offendido dizeimo: Para saber hũa falta sua perguntou Saul a Deos, porque isto de dizer a falta ao Rei, naõ o sabe fazer nehum homem: O principe para lhe dizerem as suas faltas há de recorrer ao Ceo, porque se naõ faz este milagre na terra: *Si in me est iniquitas hæc, da ostensionem.*

1. Reg. c. 14

Podeo essa verdade desgostar? pois quem lha ha de dizer: tanto respeito tem os que andaõ ao lado dos Principes a seu gosto, porque tem a sua conueniencia grande respeito, daqui vem o não auer Principe que tenha hum só vassallo verdadeiro, tendo muitos vassallos fieis: Não se repare no módo de dizer, porque eu faço grande differença de vassallos fieis a vassalos verdadeiros: Vassalo fiel he aquelle que tem ao Rei affeição; Vassalo verdadeiro he aquelle que lhe diz as verdades, destes naõ ha hũ, daquelles auerá muitos. Mas nesta materia não he só este o maior mal que ordinariamétc se acha no mundo: a mais se estende, muito auante passa, porque não só se naõ contentaõ os homens com callar, senaõ com adul-

n. 17.

terar

terar as verdades: Aquillo que se notou como falta, dizem ordinariamente aos Principes, que se canonisou por acerto, & por lhe euitarem hum sentimento os querem tratar com engano O quanto disto padecem os Monarchas, os soberanos do mundo! Sendo mais duro de sofrer a quem sabe bem sentir hum engano, que huma morte; quantos se deixão viuer enganados, por naõ viuerem sentidos.

n. 18. Esta pençaõ, ou para dizer melhor este azar anda auinculado á grandeza: naõ ha septro a que naõ siga a lisonja, naõ ha soberania, sobre que naõ domine o engano, com taõ venturosa desgraça, que ordinariamente alcança a materia, o que poderá ser naõ alcãçará a verdade, por isso nas cortes do mũdo he cousa taõ ordinaria o verse o vicio triũfante, & a virtude queixosa, por isso ha tanta multidaõ de enganados, & ainda maior de enganosos. Venturosa Monarchia (& sem tirarmos os olhos de Portugal podemos ver este exemplo) venturosa Monarchia, cujos Principes fazem tanta estimação das verdades, ou custem ou lisongeem, que o meio mais efficas para a valia, he o dizerlhas, & para o desagrado o encobrirlas: cujos vassallos, aquelles a quem isto pertença, assi amaõ aos seus Principes, que naõ se contentaõ só com lhe serem fieis, senão tambem com lhe serem verdadeiros. Em os outros Reinos do mundo não serão validos os Euangelistas, mas para os Reis de Portugal só os Euangelistas, foraõ, & saõ os validos, que justo he que hum Reino que he taõ parecido ao de Christo nas armas que tem, o seja tambem neste priuilegio que goza. E para dar na razão da differença não me custou muito cuidado: os Principes de Portugal sempre tiuerão mais de Pais, do que tiuerão de Reis, & dizer verdades a hum pay, q̃ he Rei, isso facilmente o farà hum filho; mas dizer verdades a hum Rei que naõ he pai, esse prodigio naõ o póde fazer hum homem: por isso Christo quando hoje mostrou aos Pincipes de Iudea, que era Deos, não lhe disse que resuscitaua mortos, senão que lhe dizia as verdades, porque só sendo Christo Deos como era, lhe pudera dizer as verdades que lhe dizia

zia: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Naõ posso deixar sem reparo estas vltimas palauras do thema: *Quare non creditis mihi?* se eu vos fallo as verdades, porque naõ credes em mim? Isto em Christo foi huma pregunta, em mim he huma admiraçaõ. Se Christo a estes homens lhe dizia as verdades, como naõ crem estes homens em Christo? Sabem porque, diz S. Ioaõ Chrysostomo, porque naõ criaõ os Iudeos, antes sentiaõ tanto o que Christo lhe ensinaua? porque Christo naõ lhe ensinaua o que elles sentiam, & os homens nas materias que nao saõ de seu gosto, naõ só nào querem que o que se lhe dis seja verdade, mas nem ainda sofrem que seja opiniaõ: *Rei displicentis etiam opinio reprobatur.* Dice altamente Tertulliano, & se isto assi he como auiaõ os Iudeos de crer a Christo as suas verdades, se o Senhor os reprendia de suas torpesas.

n. 19.

Chrysost.

Tertul.

Tudo isto està muito bẽ dito, basta dizelo hum taõ grande Doutor, & taõ grãde S como Chrisostomo, mas eu cõ sua licẽça tenho aqui huma grande instãcia: Pergunto, Christo em confirmação de suas verdades não fazia taõ prodigiosas marauilhas? pois porque se naõ confundem estes homens, porque naõ desistem de sua obstinação, porque naõ daõ credito a verdades confirmadas com tantos prodigios? Hora eu resoluime, & cuido que bem, que os Iudeos nunca crerão as verdades de Christo, porque nunca viraõ os seus milagres, & para tomar esta resoluçaõ, fundeime naõ menos que em huma authoridade de Christo, na razão, na experiencia, & na Escriptura: tudo mostro em duas palauras; vamos primeiro á razaõ. Eu vim ao o mundo, disse Christo: (& he esta a authoridade que prometi) eu vim ao mundo para dar olhos a quẽ naõ tinha vista, & para tirar a vista a quem tinha olhos; *Ego veni in mundum, vt qui non vident, videant, & qui vident caeci fiant.* Difficultosa proposiçaõ! Christo tirou a vista à alguem no mũdo? Não se apontarà hum só exemplo, como se haõ de entender logo estas palauras? mui facil soluçaõ tem: Com a vinda de Christo ao mundo tiueraõ vista os cegos, & cegaraõ os

n. 20.

Ioann. c. 11

en-

enuejoſos, tiueraõ viſta os cegos porque lhã reſtituio Chriſto; com milagres cegaraõ os enuejoſos, porque naõ viraõ os milagres de Chriſto: Eſta he a raſaõ, & a authoridade, vamos à experiencia, & à Eſcritura. Acabou Chriſto de lançar prodigioſamente o demonio fora de hum homem, que auia muito tempo que eſtaua ſenhor de ſuas potencias, à viſta de muitos Iudeos, & eſtes meſmos lhe pediraõ logo que fizeſſe o Senhor hum prodigio, porque o queriaõ ver com ſeus olhos: *Volumus à te ſignum videre.* Pois homens, naõ açabou Chriſto agora de fazer hum milagre, paraque lhe pedis outro? Pedẽ outro porque naõ viraõ eſte; eraõ inimigos, & eraõ enuejoſos, naõ viaõ milagres.

Mat. c. 12

n. 21.

O como foi eſte mal dos Iudeos contagioſo no mundo? Quantos olhos ha, que ſem ſerem cegos, naõ ſaõ olhos! Depois que a noſſa malicia deu em trocar a juriſdição ás potencias: para o objecto da viſta importou pouco o ſer que tinhão as couſas: Eu me expliço. Deos deunos a viſta paraque quizeſſe a vontade aquelle bẽ que viſſem os olhos, & a noſſa malicia fez com que naõ viſſem os olhos, ſenaõ aquelle bem ou aquelle mal que quis a vontade: Naõ vemos para nos cõtentar, contentamonos para ver, auendo o conhecimento de preceder à vontade que aſſi o enſina a Philoſophia. *Nihil volitum, quin præcognitum.* He em nos primeiro a vontade, & entaõ deſpois o conhecimento, & deſta delordem grande, nace aquella abominauel conſequenſia, que nunca os noſſos olhos vem as couſas como ellas ſaõ, ſenaõ como queremos que ſejaõ, por iſſo os Iudeos naõ viaõ os milagres de Chriſto porq̃ naõ queriaõ que em Chriſto ouueſſe milagres. Offenderaõſe muito os Iudeos de que aquelle paralitico que curou Chriſto em o Sabbado (crime entre elles abominauel) vieſſe com o leito ás coſtas, & reprehendendoo deſta culpa reſpondeo o homem que aquelle Senhor que lhe dera ſaude, lhe mandara leuar o leito: *Qui me ſanum fecit dixit mihi. Tolle grabatum tuum; & ambula. Interrogauerunt ergo eum:* (acrecenta o Euangeliſta) *Quis eſt ille homo, qui dixit tibi: Tolle gra-*

Proloq.

Ioann. c. 5

grabatum tuum, & ambula? Duas cousas disse aqui aos Iudeos o paralitico,& elles perguntaraõlhe só por huã: Dicelhe, que Christo lhe dera saude, *qui me sanum fecit*; & que lhe mãdara leuar o leito: *dixit mihi: Tolle grabatum tuum, & ambula*, & elles perguntaraõlhe só por quem lhe mandara leuar o leito, & naõ por quem lhe dera saude; Pois se ali auia duas cousas, hum preceito de Christo executado,& huma saude pello mesmo Senhor restituida, porque naõ pergunta aos Iudeos por quem lhe deu a saude, senaõ por quem lhe pos o preceito.

Hora eu persuadome fundado na doutrina de Hugo Carense neste lugar: que estes homens por huma so cousa perguntaraõ, porque huma só cousa viraõ; E isso porque? (ainda não fechamos o pensamento) porque naõ virão o paralitico, com a saude restituida, só o viraõ com o leito às costas? Direi o que sinto: Dar Christo saude ao paralitico era milagre, mandarlhe em o sabbado leuar o leito na opiniaõ dos Iudeos, era huma culpa de Christo, & como elles queriaõ a Christo só culpado, naõ milagroso, por isso naõ vem a Christo como milagroso, vemno sò como culpado: se o odio dos Iudeos lhe naõ trocara a disposiçaõ da natureza, queria a vontade aquillo que vissem os olhos, mas como o seu odio lhe descompos as potencias, naõ viaõ os olhos senaõ o que queria a vontade, por isso naõ vem em Christo milagres, senaõ culpas, porque queriaõ que Christo tiuesse culpas, naõ querião que obrasse milagres, & como só as culpas vem, só pellas culpas perguntaõ: *Vbi est qui dixit tibi, &c.* Culpas digo na sua opiniaõ, que em Christo nunca ouue, nem podia auer sombras de culpa. Esta he logo a rasaõ porque confirmando Christo o que dizia aos Iudeos com tantos prodigios, nam criaõ as suas verdades, com escandalo do mundo, & com queixa do mesmo Christo. *Quare non creditis mihi.*

Hugo Carens hic.

n. 22

Antes estiueraõ tão longe de crer ao Senhor, que o quizeraõ apedrejar. Grande, & lastimosa materia se me offerecia aqui para discorrer, mas tenho acabado o Sermam, só em hu-

n. 23

ma

ma cousa reparo, & com ella concluo. Em premio de Christo dizer aos Iudeos as verdades, lhe quizeraõ elles tirar com pedras, fugiolhe o Senhor, & naõ de qualquer sorte, se não fazendo hum milagre, porque diz o doutissimo Maldonado, que se fizera inuesiuel: Mas como assi: Christo naõ sabe muito bem, que está seguro de morrer? mui bem o sabe. De que foge logo o Senhor: E naõ de qualquer sorte, senaõ fazendo hum milagre? O que alto documento deu Christo aos Principes do mundo nesta occasiaõ! Quando Christo está seguro entaõ fas milagres para se segurar, que os Principes façaõ milagres para se segurar quando estiuerem seguros, ja eu disse algum hora discorrendo mais largamente sobre esta materia que naõ nos auia de fazer descuidados, vernos seguros, antes que quanto fosse maior a segurança, tanto auia de ser maior a cautela, porque para quem politicamẽte discorre, mais he para temida huma segurança, que para receado hum perigo, está euidente a razão; porque o perigo faz temerosos, & a segurança faz confiados, & em nenhuma cousa està mais certa a ruina, que na confiança, assi como em nenhuma cousa està mais difficultoso o perigo, que no receio E daqui vem que melhor he muitas vezes para vencer huma fraquesa de confiada, que hum valor presumido, porque a desconfiança, a cautela, & a presunção facilita; a desconfiança faz valente a maior fraquesa, a presunção faz fraca a maior valentia Naõ ha duuida que em respeito do Gigante Golias, que era Dauid mui inferior nas forças, & nas armas, porem com isto ser assi, deu o Pastor galhardo por terra com aquella maquina disforme, com aquella soberba arrogante, porque Dauid em o combate entrou desconfiado, & o Gigante entrou presumido. *Despexit eum in corde suo.* E mais effeito parece que faz huma pedra tirada com desconfiança, que huma bala tirada com presunçaõ, porque a desconfiança dà brios à maior fraqueza, & a presunçaõ tira alento à maior valentia. O parto admirauel de huma confiança necia? quãtas monarchias tẽs arruinado, quãtos exercitos tẽs destruido. Nam

Mald. in hoc c. 8. Ioann. n. 141.

1. Reg. 17.

Naõ nos auemos de descuidar logo; por nos imaginármos seguros, antes quando nos virmos mais seguros, entaõ auemos de viuer mais desconfiados, entam auemos de andar mais cuidadosos: Auemos de temer as seguranças ainda mais que os perigos. Dauid antes de Rei nos deu o primeiro exemplo, & despois de Rei nos dará a confirmaçaõ.

n. 24.

ElRei Dauid quando celebrou pazes com Saul, entaõ diz a sagrada Escriptura que buscou para viuer os mais seguros lugares: *Dauid, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca*. Pois agora que tem com o Rei celebrado pazes, trata Dauid de se segurar mais, que quando tinha com elle tam viua guerra? Si, porque agora vese Dauid seguro, na guerra viase Dauid perigoso, & como era discreto, & experimẽtado Dauid, mais temia a segurança, do que receaua o perigo: muito se segurou quando se vio arriscado, mas mais se quis segurar quando se vio seguro: Assi o fez entam Dauid, & assi o fez hoje Christo, seguro estaua o Senhor de morrer, mas por isso mesmo, porque estaua seguro de morrer faz milagres para se segurar.

1. Reg c. 24

n. 25.

A todos os Reinos do mundo he muito importante este auiso, mas ao nosso Portugal mais importãte, segura está a Monarchia Portugueza de passar outra vez ao dominio estranho, porque alem de o dizerem assi as Profecias, nisso tem Deos empenhado sua diuina palaura, & o patrocinio de sua maõ poderosa; porem he necessario aduertir, que o estarmos tam seguros nos naõ ha de fazer descuidados, antes entam, quando nos virmos seguros, como fez Christo, auemos de fazer milagres para segurar a nossa segurança, auemos de obrar prodigios para eternizar nossa conseruação.

n. 26.

Assi se faz, & assi espero eu em Deos que se ha de fazer cada dia com maior cuidado, quando na experiencia de tam acertados arbitrios virem os que vem, & julgam de fora, que temos Rei, que sabe ouuir as verdades, que sabe escolher com prudencia, & que sabe obrar com acerto. Mas sobre tudo isto,

para

paraque cheguẽmos a lograr a poſſe de tam bem logradas eſperanças,& vejamos a execução de tam grandioſas promeſas, he neceſſario viuermos muito vnidos com Deos, mui conformes com ſua vontade, mui ajuſtados a ſeus preceitos, & mui agradecidos a ſeus beneficios, paraque vendo elle em nós eſte agradecimento poſſa continuar ſeus fauores, conſeruando o noſſo Reino, proſperando as noſſas armas, reſtituindo as noſſas conquiſtas, & finalmente que he o bem de maior importancia, dandonos neſta vida muita graça, que he certo penhor da gloria. *Ad quam nos perducat Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAVS DEO.